



O RAPPA solta o ver e o som

Depois de superar a marca de 200 mil cópias vendidas com o impecável álbum “Lado B, Lado A” e de convencer os mais sisudos da ótima qualidade de sua arte, a banda carioca O Rappa segue em turnê pelo Brasil afora disparando corajosas mensagens de denúncia social. Felipe Tadeu agitou um encontro com O Rappa em sua agenda de férias no Rio de Janeiro.

Tópicos: *O Rappa tem conseguido um equilíbrio perfeito entre potência sonora e letras acachapantes. Temas sociais são tratados com violenta franqueza, o que faz que com que as mensagens da banda ganhem caráter de legitimidade e de definido posicionamento político. As letras que vocês cantam encontram eco nos públicos de outras cidades do Brasil que não seja o do Rio de Janeiro?*

O Rappa: Com certeza! Agora, depois de um tempo, a gente está começando a representar um certo segmento da juventude. Ainda é uma coisa muito restrita, as pessoas ainda vão aos nossos shows mais por entretenimento, mas a parcela de público que respeita essa atitude da gente e que interage com essa nossa atitude além de estar crescendo, é também cada vez mais sólida, forte. Você começa a repetir as capitais e vê as mesmas pessoas voltando. É um público fiel, com discurso parecido com a gente e que está procurando uma atitude parecida com a nossa.

Tópicos: *Como tem sido a receptivi-*

dade do público perante esse último álbum, “Lado B, Lado A”?

O Rappa: Nós somos, dentro da cena artística, um dos grupos que está na posição mais confortável. Quando a gente pensou em fazer este disco, a gente estava numa esquina: se alicerçar ao mercado ou buscar um certo respeito. Nós pensamos em tentar conseguir um respeito através de uma coisa mais íntima. Se a gente fizesse um “Rappa-Múndi II”, por exemplo, a gente teria com certeza uma vendagem maior do que a que a gente tem com o “Lado B, Lado A” até agora. O Rappa tem três discos muito diferenciados. Isso é a maior prova de que estamos sempre à procura de uma nova maneira de dizer as coisas, sempre atrás de uma nova linguagem e, na medida do possível, fazendo uma música que surpreenda. Nós fomos arriscando, o “Lado B, Lado A” foi arriscado para o grupo, porque se a imprensa e o público não tivessem recebido o disco tão bem, talvez as portas hoje estivessem fechadas. Mas O Rappa hoje é uma banda atípica, pois são poucas as que têm o espaço que nós temos na mídia com esse discurso que a gente tem, e com a nossa sonoridade.

Tópicos: *Como vocês escolheram este título para o disco?*

O Rappa: Foi uma idéia muito feliz do Falcão e representa o que a gente está vivendo no Rio e mesmo no Brasil. O disco e a banda são muito influenciados esteticamente pelas coisas que acontecem no lado “b”, pela maneira cultural da grande massa se expressar. É por

isso que nós, por mais que tenhamos um texto violento, ou que tenhamos uma sonoridade rebuscada, sabemos que somos “popular” porque o samba é popular, o funk de morro é popular. Nós achamos que fizemos um disco, que mesmo influenciado por uma certa globalização, – somos filhos disso –, é intrinsecamente brasileiro, seja na temática ou na sonoridade. Nesse disco nós falamos sobre coisas legais que há no lado renegado da cidade e coisas não tão legais que rolam no cartão-postal da cidade. Apesar da base do disco ser fundamentada aqui no Rio de Janeiro, a gente vê que o Rio é meio uma caricatura do país todo.

Tópicos: *Qual é o perfil do público de vocês? Eu pergunto isso porque vocês também atingem uma galera que já tem mais do que trinta anos, é politizada e que curte tanto rock, quanto música brasileira.*

O Rappa: Com esse último disco, que é bem mais maduro, as coisas mudaram um pouco. No Brasil tem uma coisa assim, do cara ouvir seus ídolos de juventude e que quando chega numa determinada época, por volta dos trinta anos, parece que é forçado a pertencer a uma certa classe, à coisa da MPB. Ele vem ouvindo rock e quando chega aos trinta passa a ouvir Milton Nascimento, Djavan e outros. E isso é uma coisa errada, porque na realidade você tem que ser jovem e poder ouvir isso e ter trinta, quarenta anos e alicerçar coisas que cresceram com você, que fazem parte de você e que é o rock, ou o pop nacio-

nal. Nós não queremos olhar para o nosso público e ver só molecada, nós gostaríamos que ele fosse o mais misturado possível, não só de classe, mas também de idade e etnias. Com o último álbum atingimos um público de faixa etária maior. Nosso público é geralmente de classe média, que vive principalmente neste mesmo paradoxo que a gente está narrando, entre o lado “b” e o lado “a”.

Tópicos: *Vários integrantes de O Rappa passaram por bandas de reggae. Por que o gênero jamaicano não teve a mesma penetração no Rio, como em São Luís do Maranhão ou em Salvador?*

O Rappa: Ele teve um prelúdio na Baixada lá no final dos anos 80. O reggae naquela época estava forte. E não era só reggae, o reggae era só o mais forte, mas de cultura negra em geral. O que não deixou o reggae decolar mesmo por aqui foi, primeiro, a falta de opções de você mostrar o seu trabalho e sobreviver daquilo. A Baixada não tinha uma casa de shows, não tinha um periódico que falasse sobre aquilo tudo que estava rolando por lá, e aquilo era muito descentralizado, era música underground carioca. Fora da Baixada, ninguém sabia daquilo e nem se interessava. Depois de um tempo é que o surf foi trazer o reggae para a zona sul carioca. Mas o reggae carioca era mais urbano do que o caribenho e já estava tendo uma cara própria. Mas ele acabou não tendo vazão. Fora isso, o reggae, de uma maneira geral, depois do “boom” do dancehall não se renovou, tanto no discurso, quanto na sonoridade. No começo dos anos 90 ele vinha com uma força tão popular, com bandas chegando à casa de um milhão e meio de cópias vendidas, que acabou perdendo uma certa rebeldia que ele insinuava naquele momento. Ele adocicou e foi popular para poucos. É uma pena porque desde o movimento Black Rio a Baixada era um celeiro musical forte.

Tópicos: *Foi uma época fascinante, com Jorge Ben como suprema divindade dos bailes periféricos, Banda Black Rio, Gerson King Combo, as equipes Soul Grand Prix...*

O Rappa: Jorge Ben talvez seja a maior influência da nossa banda. Tem Monueto, Candeia, mas eu acho que Jorge é mesmo a maior influência sonora para o Rappa. Ele foi o primeiro a unir a coisa folclórica nacional com elementos mundiais. Ele foi tão maravilhoso para a música popular, mas o momento em que ele apareceu não foi tão feliz para ele porque ele fazia uma música alegre demais, libertária demais para o engajamento que estava sendo proposto naquela época de 60. Ele sugeriu vários

outros tipos de engajamento que a esquerda foi burra de não perceber. Um cara que fez “Take It Easy, My Brother Charles”, “Charles, Anjo 45”, ele estava esboçando uma nova coisa, que o samba mesmo já tinha, mas Jorge veio forte com a onda da contracultura da marginalidade. Ele já estava narrando o que está acontecendo hoje – “O Homem da Gravata Florida” é uma das melhores músicas cantadas em português!

Tópicos: *O Rappa não abre mão de debater a questão social no Brasil: o que vocês acham do movimento pela legalização ampla, geral e irrestrita das rádios comunitárias no país?*

O Rappa: É o mais certo! O que está forçando essa situação é a realidade que as rádios comunitárias já têm. Nós temos, por exemplo, uma coisa muito forte com uma rádio da favela de Heliópolis, em São Paulo, uma favela muito grande. Fato é que lá eles contam com um público-ouvinte fiel que é muito mais numeroso que o de várias rádios comerciais por aí. Isso é que está sendo interessante: num momento em que as cadeias de rádio

matam o regionalismo, esse movimento de rádios livres é que vem manter uma maneira independente da informação chegar e que ajuda a manter os valores locais.

Tópicos: *Na década de 80, falava-se mais em „rádios-piratas“. Hoje já subimos o nível para „rádios livres“.*

O Rappa: Se você for ver, a expressão „rádio-pirata“ poderia se encaixar mais do outro lado. O espaço radiofônico é concessão e, na medida em que nós somos o Estado, somos nós é que permitimos esta ou aquela emissora de existir. Mas como no Brasil essas concessões não são claramente debatidas pela sociedade, como não fica evidente porque uma pessoa consegue uma concessão e a outra não, às vezes os piratas na verdade são „eles“.

Tópicos: *Vocês estão com alguma turnê planejada para o exterior?*

O Rappa: Vai ser em julho. Ficaremos um mês inteiro na Europa com uma turnê que começa em Amsterdã, Holanda, e termina em Portugal, mas as datas ainda estão sendo marcadas.

Felipe Tadeu Brasilkult@aol.com

ANZEIGE



Best of Brazil Tours

- * preiswerte Flüge
- * wir stellen Ihre Reise individuell zusammen
- * eigene Agentur in Brasilien
- * Bezahlen in Brasilien – Ticket hier erhalten und umgekehrt!
- * diverse Kategorien von Hotels, Resorts und Programmen
- * bilhetes aéreos, ótimos preços de todas companhias
- * mais de 400 hotéis no Brasil, resorts e programmas
- * Pagou no Brasil, recebeu na Alemanha! Ou vice-versa!
- * falamos português na loja ou ao telefone pois somos brasileiros de verdade

Berlin Schildhornstr. 10
12163 Berlin
Fon. 030-796 10 81
Fax. 030-795 03 42

Rio de Janeiro Rua Domingos Ferreira 219/203
Copacabana - Rio
Fon. 0055-21-5491522
Fax. 0055-21-5491723

E-Mail: Bestofbraz@aol.com